

---

# "13 Reasons Why": o debate sobre o suicídio à tona na mídia brasileira

Cláudio Bertolli Filho<sup>1</sup>  
Ana Carolina Pontalti Monari<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar a problemática do suicídio na mídia brasileira por meio da análise da cobertura dos portais *BBC*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* sobre a série norte-americana "13 Reasons Why". A obra foi disponibilizada em 31 de março de 2017 pela plataforma de streaming Netflix e aborda as razões que culminaram a morte autoprovocada da adolescente Hannah Baker. Para o estudo, foram utilizados os conceitos divulgados pelo documento *Prevenção do Suicídio: Um Manual Para Profissionais da Mídia*, da Organização Mundial da Saúde.

**Palavras-chave:** Mídia. Suicídio. 13 Reasons Why.

## Abstract

This article aims to investigate the problem of suicide in the Brazilian media through the media analysis of the portals *BBC*, *Folha de S. Paulo* and *O Estado de S. Paulo* on the "13 Reasons Why". The serie was released on March 31 by the Netflix streaming platform and approaches the reasons that culminated the self-inflicted death of Hannah Baker. The concepts published by the document *Suicide Prevention: A Manual for Media Professionals of the World Health Organization* were used for this study.

**Keywords:** Media. Suicide. 13 Reasons Why.

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade de São Paulo (1979) e em Ciências Políticas e Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1988); mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (1986), doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo (1993) e Livre-docente em Antropologia (2010) pela Universidade Estadual Paulista. Atualmente é professor adjunto na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia e Comunicação e Ensino de Ciências, atuando principalmente nos seguintes temas: mídia e cultura, mídia e representação social da medicina, do corpo e das enfermidades, representações sociais, saúde pública. Email: cbertolli@faac.unesp.br.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e bacharela em Comunicação Social - Jornalismo pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), campus de Bauru (SP). Desenvolve projetos na área de jornalismo, comunicação, mídia e saúde pública. Email: capmonari@gmail.com.

## Introdução

Considerado um problema de saúde pública, o suicídio é cercado de mitos e crenças populares. A interpretação das causas que levam uma pessoa a tirar a própria vida, bem como o que acontece com o suicida após sua morte permeiam seitas, imaginários e religiões. De acordo com Émile Durkheim (1978), as condições individuais de que se admite a *priori* depender o suicídio são de duas espécies.

Primeiramente temos a situação exterior em que se encontra colocado o agente. Os homens que se matam tanto podem ter sofrido desgostos familiares ou decepções de amor-próprio como podem ter passado pela miséria ou pela doença ou ainda arrastarem o fardo de um erro moral, etc. Vimos no entanto que essas particularidades individuais não explicam a taxa social dos suicídios; na realidade esta varia em proporções consideráveis enquanto as diversas combinações de circunstâncias, que deste modo surgem como antecedentes imediatos dos suicídios particulares, apresentam sensivelmente a mesma frequência relativa. Concluiu-se portanto não serem estas as causas determinantes do ato que precedem. (DURKHEIM, 1978, p. 183).

A Igreja Católica dominou o pensamento do mundo ocidental por quase toda a Idade Média, por isso, suas concepções sobre o tema em questão ainda estão presentes nos dias atuais. Para a doutrina religiosa, o ato é “repudiado”, sendo considerado um pecado muito grave, uma vez que atenta contra a vida.

Ainda durante a Idade Média, o suicídio era distinguido entre as classes mais favorecidas e as menos favorecidas. Oliveira e Barros (2017) citam que a ação cometida pelas pessoas mais pobres é fortemente rejeitada pela igreja, porém, se um nobre cometesse a prática, seja qual fosse a causa, este era considerado corajoso, honroso e respeitável.

Já o suicídio dos rústicos era reprimido severamente, considerado covarde e egoísta. Os cadáveres dos camponeses e artesãos suicidas passavam por suplícios públicos (corpos arrastados por animais até a forca ou fogueira, mutilação dos corpos, exibição dos corpos nus em praça pública etc.), eram-lhes vetados os rituais funerários, o sepultamento em terras sagradas e os bens eram confiscados. (MENDES apud OLIVEIRA; BARROS, 2017, p. 2)

O debate sobre a veiculação do suicídio na sociedade provém desse período e fez com que se criasse a cultura de não falar sobre o assunto, como uma forma de reprimir a ação. No entanto, há certa curiosidade em relação ao tema por parte da população. Tanto é que não é raro, nos dias atuais, a divulgação de fotos e vídeos de pessoas que tiraram a

própria vida por meio das redes sociais – principalmente no WhatsApp, mesmo que de forma “velada”.

Em todo o mundo, uma pessoa comete suicídio a cada 40 segundos, de acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OMS) - somente em 2011, o Brasil registrou 9.852 ocorrência dessa natureza<sup>3</sup>. Com esses dados, o órgão reconheceu, por meio de comunicado<sup>4</sup>, que o suicídio e suas tentativas são prioridades na agenda global de saúde e incentivou as nações a desenvolverem e reforçarem estratégias de prevenção, principalmente com o objetivo de quebrar estigmas e “tabus” existentes sobre o assunto, o que pode levar a desinformações sobre a temática.

A agência da ONU informa que mais de 800 mil pessoas tiram a própria vida todos os anos no mundo, sendo considerada a segunda principal causa de morte entre jovens com idades entre 15 e 29 anos. Países de baixa e média renda são os locais que contabilizam 75% dessas ocorrências e a ingestão de pesticida, enforcamento e armas de fogo estão entre os métodos mais comuns para a retirada da própria vida.

De acordo com o documento Prevenção do Suicídio: Um Manual Para Profissionais da Mídia, OMS<sup>5</sup>, o suicídio é talvez a forma mais trágica de alguém terminar a vida, pois a maioria das pessoas que considera essa possibilidade são ambivalentes, ou seja, nem sempre estão certas se realmente querem morrer.

Um dos muitos fatores que podem levar um indivíduo vulnerável a efetivamente tirar sua vida pode ser a publicidade sobre os suicídios. A maneira como os meios de comunicação tratam casos públicos de suicídio pode influenciar a ocorrência de outros suicídios. (OMS, 2000, p. 3)

Os meios de comunicação podem contribuir para trazer o debate sobre o assunto à tona. Moreira e Paulino (2014) afirmam que os media, no entanto, pouco abordam a questão e, quando o fazem, é quase sempre sob uma enxurrada de eufemismos. Os

<sup>3</sup>Disponível em <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?idb2012/c09.def>>. Acesso em: 1º de agosto de 2017.

<sup>4</sup> Disponível em <<https://nacoesunidas.org/oms-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo>>. Acesso em: 1º de agosto de 2017.

<sup>5</sup> Prevenção do Suicídio: Um Manual Para Profissionais da Mídia. Disponível em [http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67604/7/WHO\\_MNH\\_MBD\\_00.2\\_por.pdf](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67604/7/WHO_MNH_MBD_00.2_por.pdf) Acesso em: 30 de julho de 2017.

autores também trazem a problemática de que o assunto deve ser noticiado apenas quando o fato tenha aspectos considerados fora do “comum”, como ditados pelos manuais de redação da *Folha de S. Paulo*, de *O Globo*, do *Estado de S. Paulo* e do *Correio Braziliense*.

Duas exceções ao silêncio sobre o tema estão em documentos produzidos pelo Serviço Público de Radiodifusão. Herdeiro de debate iniciado pela Radiobrás, o Manual de Jornalismo da EBC estabelece que o suicídio só deve ser noticiado quando a relevância do fato transcenda o âmbito privado e a divulgação depende de autorização prévia da Diretoria de Jornalismo. Outras abordagens são aceitas, quanto abordam o tema sob a perspectiva de saúde pública abordando fatores causais e as políticas preventivas. (MOREIRA; PAULINO, 2014, p. 3)

O manual da OMS traz a informação de que:

As pesquisas mostraram que a cobertura dos suicídios pelos meios de comunicação tem impacto maior nos métodos de suicídio do que na frequência de suicídios. Alguns locais – pontes, penhascos, estradas de ferro, edifícios altos, etc – tradicionalmente associam-se com suicídios. Publicidade adicional acerca destes locais pode fazer com que mais pessoas os procurem com esta finalidade. (OMS, 2000, p. 7-8)

O conceito criado por organismos sociais e religiosos durante os últimos séculos contribuiu para a consolidação da forma como o jornalismo retrata os casos de mortes autoprovocadas em suas páginas impressas, nas ondas de rádio, na televisão e, mais recentemente, na internet.

Nelson Traquina (2005) afirma que é comum sublinhar o poder dos media no início do século XXI e que a vasta literatura sobre o campo legitima essa autoridade, não apenas na projeção social dos tópicos, mas também em seu poder de enquadrá-los como um recurso de discussão pública.

Pierre Bourdieu (1997) ressalta as noções de categoria para construção das notícias. Para ele:

Essas categorias são produto de nossa educação, da história etc. Os jornalistas têm “óculos” especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado. O princípio de seleção é a busca do sensacional, do espetacular. (BOURDIEAU, 1997, p. 25)

Conforme Minimi (2008, p.127), os valores-notícias levam em consideração as estratégias de recepção, expectativas do público e devem respeitar os seguintes critérios:

**Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 1 –18. Jan/Jul 2018.

1. A necessidade de surpresa: em geral, a notícia atinge quando fornece elementos de novidade em relação ao quadro do que já é conhecido;

2. A preferência pelo negativo: as pessoas acham mais interessante um desastre que resultado feliz;

3. A simplificação: a notícia deve ser percebida em seu “núcleo de verdade”, por isso, seu texto-tipo é o comunicado, ou seja, um discurso essencial, depurado de qualquer tessitura argumentativa e de qualquer nuance expressiva;

4. A sintonia: a notícia é uma versão do fato já inspirada na interpretação que, possivelmente, o público daria a ele.

O campo jornalístico, no entanto, apresenta dificuldades em relação à cobertura de problemáticas. Segundo Traquina (2005), o trabalho jornalístico é uma atividade prática, em que os profissionais lutam contra o tempo, por isso, o ritmo exige a ênfase sobre acontecimentos e não sobre problemáticas.

Entre os critérios de valor-notícia apresentados pelo autor está a morte. Para ele, o tema é “um valor-notícia fundamental para essa comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal ou nos écrans da televisão” (2005, p.79).

No Brasil, os veículos de comunicação costumam apresentar ressalvas na cobertura de suicídios. Salvo em casos de celebridades, figuras públicas ou políticos, em que o valor-notícia de notoriedade é trabalhado, adota-se o “silêncio”, pois as empresas ponderam a publicação e composição de reportagens que poderiam chocar ou incitar o acontecimento de novas ocorrências, em uma espécie de imitação.

O documento criado pela OMS tem como objetivo enfatizar o impacto que a cobertura midiática pode ter nos suicídios, indicar fontes de informação confiáveis, sugerir como abordá-lo tanto em circunstâncias gerais, quanto específicas, e apontar as situações a serem evitadas nas coberturas de casos desse tipo. Há, inclusive, os tópicos “o que fazer” e o “o que não fazer”, que salientam o papel proativo que a mídia tem na prevenção das mortes autoprovocadas.

Os veículos costumam se espelhar nesse manual, “embora não exista qualquer tipo de regulação quanto à abordagem do assunto” (FERREIRA; RAMALHO, 2013, p. 2). Cada jornal é livre para tratar a notícia da forma que melhor lhe convir.

Em 2014, a Associação Brasileira de Psiquiatria, em parceria com o Conselho Federal de Medicina (CFM), publicou uma cartilha para combater esse problema de saúde **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 1 –18. Jan/Jul 2018.

pública. O objetivo do documento é diminuir o número de ocorrências desse tipo no País, uma vez que, segundo dados do órgão, 17% das pessoas do Brasil já pensaram, em algum momento, em tirar a própria vida.

A prevenção da ocorrência, de acordo com a cartilha, vai além dos profissionais e da rede de saúde.

A prevenção do suicídio não se limita à rede de saúde, mas deve ir além dela, sendo necessária a existência de medidas em diversos âmbitos da sociedade, que poderão colaborar para diminuição das taxas de suicídio. A prevenção do suicídio deve ser também um movimento que leva em consideração o biológico, psicológico, político, social e cultural, no qual o indivíduo é considerado como um todo em sua complexidade. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, 2014, p. 50)

Incentivar a busca de ajuda médica e a construção de espaços de promoção de saúde estão entre os passos divulgados pelo documento da associação para aumentar a qualidade de vida e combater a situação.

A mídia tem papel importante nessa questão, pois, é por meio dela, que as pessoas podem obter informações para lutar contra o ímpeto de tirar a própria vida. “Campanhas preventivas e maior regulação da veiculação em casos de tentativas” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, 2014, p. 51) fazem parte de suas responsabilidades.

A partir dessa discussão, o objetivo deste artigo é analisar a problemática do suicídio na mídia brasileira. Para isso, utiliza-se a cobertura dos portais *BBC*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* sobre a série norte-americana “13 Reasons Why”, conteúdo fictício baseado na obra literária de mesmo nome do autor Jay Asher, que retrata a trajetória de Hannah Baker até o suicídio

Esses três portais foram escolhidos pelo seu grande alcance entre os internautas brasileiros e, por isso, eles foram eleitos para esse estudo em detrimento de outros portais que também abordaram a temática. Por meio dos conceitos do documento *Prevenção do Suicídio: Um Manual Para Profissionais da Mídia*, da OMS, pretende-se compreender a circularidade do assunto que, explorado primeiramente em uma série cinematográfica, quase que de imediato foi assumido por outros veículos de comunicação, resultando em maior visibilidade do tema e da série no contexto social.

### “13 Reasons Why”

“13 Reasons Why” teve todos os episódios da primeira temporada disponíveis na plataforma de *streaming* Netflix no dia 31 de março de 2017 e sua segunda temporada já foi confirmada pelo serviço para ser exibida provavelmente em 2018. A série, criada por Brian Yorkey, tem como enredo as sete fitas cassetes deixadas por Hannah Baker, em que ela lista 13 motivos que a levaram ao suicídio.

O enredo se inicia quando seu colega Clay Jensen recebe as fitas com as razões que culminaram na morte da jovem em uma caixa de sapatos. Cada motivo corresponde a um episódio e, enquanto Jensen escuta os conteúdos das fitas, o público acompanha a trajetória da protagonista e dos alunos da Liberty High School – escola onde se passa grande parte da história.

**Tabela 1: Os episódios são distribuídos da seguinte forma**

Número do episódio	Título	Assunto da fita/motivo que culminou o suicídio de Hannah Baker
1	<i>Tape 1, Side A</i> – Fita 1, Lado A	Justin Foley é o adolescente retratado na primeira fita. O conteúdo mostra como a foto “obscena” de Hannah espalhada por ele e os boatos de que os dois teriam tido relações sexuais abalaram sua vida.
2	<i>Tape 1, Side B</i> – Fita 1, Lado B	O segundo episódio retrata Jessica Davis, ex-melhor amiga de Hannah, que acreditou que esta teria sido o motivo de sua separação com o ex-namorado Alex Standall. O fato, no entanto, não era verdade.
3	<i>Tape 2, Side A</i> – Fita 2, Lado A	Standall é o terceiro nome a aparecer nas fitas de Hannah. Ele se transforma em um dos motivos ao fazer uma lista sobre a bunda da garota, classificando-a como a melhor da escola. O intuito da brincadeira era fazer Jessica ficar com ciúmes e também se tornar mais popular.
4	<i>Tape 2, Side B</i> –	Tyler Down, o fotógrafo da escola, é a

	Fita 2, Lado B	quarta pessoa a ser mencionada nas fitas de Hannah. Ele “ganhou” a participação na lista de motivos por perseguir a garota e espalhar uma foto de seu beijo com Courtney Crimsen pela escola.
5	<i>Tape 3, Side A</i> – Fita 3, Lado A	O tema do quinto episódio está relacionado ao anterior, pois o assunto da fita é Courtney. Ela inventou boatos sobre Hannah para evitar ser descoberta como uma das pessoas na foto do beijo.
6	<i>Tape 3, Side B</i> – Fita 3, Lado B	O assunto do sexto episódio é Marcus Cole, que humilhou Hannah em público em seu encontro com a jovem no Dia dos Namorados.
7	<i>Tape 4, Side A</i> – Fita 4, Lado A	Zach Dempsey é a personagem principal do lado A da fita quatro. Ele furtava as “notas positivas” destinadas a Hannah na aula de comunicações como vingança pela garota o ter rejeitado.
8	<i>Tape 4, Side B</i> – Fita 4, Lado B	Por furtar um poema que Hannah escreveu falando sobre seus problemas pessoais e, publicá-lo no jornal impresso da escola sem sua devida autorização, Ryan Shaver é o tema da fita apresentada no oitavo episódio.
9	<i>Tape 5, Side A</i> – Fita 5, Lado A	Justin Foley volta a ser elencado na lista de motivos que culminaram o suicídio de Hannah. Desta vez, a razão é por ele ter deixado seu melhor amigo, Bryce Walker, estuprar sua atual namorada, Jessica.



10	<i>Tape 5, Side B</i> – Fita 5, Lado B	Por abandonar Hannah depois de bater seu carro em uma placa de sinalização obrigatória, o que, posteriormente, ocasionou a morte de outro aluno da escola, Sheri Holland é o assunto retratado no lado B da fita cinco.
11	<i>Tape 6, Side A</i> – Fita 6, Lado A	Clay Jensen é o motivo retratado no 11º episódio da série. Ele acabou sendo acrescentado à lista por atender ao pedido de Hannah de deixá-la sozinha. A garota percebe, durante a gravação da fita, que ele não fez nada de errado e não merece pertencer ao grupo de pessoas que compõem suas razões para a morte, porém, o jovem foi adicionado porque ela gostava dele e queria que ele soubesse de toda a história.
12	<i>Tape 6, Side B</i> – Fita 6, Lado B	Bryce Walker é retratado no conteúdo das fitas cassetes por estuprar Hannah após uma festa em sua casa.
13	<i>Tape 7, Side A</i> – Fita 7, Lado A	O Sr. Kevin Porter é o último a ser mencionado nas fitas deixadas por Hannah. Ele não acreditou que a menina iria se matar e não lhe deu a devida ajuda no momento oportuno.

Tabela elaborada pelos autores

Desde que foi lançada, a série trouxe considerações sobre o tema ao público em geral. Nas redes sociais e, sobretudo, em sites de notícias, “13 Reasons Why” foi tema de reportagens sobre o seu conteúdo, recebeu resenhas positivas e negativas e fomentou o debate público sobre o assunto, uma vez que seu conteúdo desencadeou série de notícias sobre morte autoprovocada.

Reportagens abordando as razões para ver ou não ver o conteúdo disponibilizado pela obra foram veiculadas na internet. A *Gazeta do Povo*, por exemplo, fez uma postagem em seu site no dia 11 de abril de 2017 com o título “13 motivos para não ver ‘13 Reasons Why’, a polêmica série sobre suicídio da Netflix”.

O veículo aponta que, “apesar de uma estrutura narrativa supostamente promissora, ‘13 Reasons Why’ é perigosa para adolescentes e não muito atraente para adultos”<sup>6</sup>. Entre as razões destacadas para não assistir ao conteúdo disponível pela plataforma de streaming estão enredo tolo, diálogos exclusivos para o próprio nicho – ou seja, o público adolescente -, episódios longos, trama vagarosa, situações sem sentido, excesso de drama, exposição desnecessária e a idealização do suicídio, como se houvesse apenas esse fim para os conflitos da protagonista.

A série também ficou conhecida por desrespeitar várias recomendações de como se tratar o assunto defendidas pela OMS, como trabalhar em conjunto com autoridades de saúde na apresentação dos fatos e destacar alternativas à morte autoprovocada. Em nenhum momento da série, por exemplo, Hannah busca ajuda profissional de um psicólogo ou psiquiatra. Na única vez em que ela procura o auxílio de um adulto - o conselheiro escolar, Kevin Porter -, ele não dá a devida atenção aos pedidos de socorro que ela clama e se mostra pouco pró-ativo em relação aos problemas que a jovem traz ao seu escritório.

É fato que “13 Reasons Why” infringe aspectos importantes do documento *Prevenção do Suicídio: Um Manual Para Profissionais da Mídia*, da OMS. Destaca-se outros aspectos que não foram mencionados na reportagem da *Gazeta do Povo*, mas que aparecem no conteúdo televisivo, como a publicação de fotografias do falecido ou cartas suicidas e a informação de detalhes específicos do método utilizado – no caso, foi retratada as fitas cassetes e também houve a descrição completa da morte de Hannah.

Não atribuir “culpas” está entre os aspectos determinados pelo documento a não serem feitos pelos jornalistas e demais profissionais da mídia durante a cobertura de suicídios. E é justamente nessa contramão que a série se encaminha, uma vez que o conteúdo aborda as razões pelas quais Hannah tira a própria vida em fitas cassetes.

---

<sup>6</sup> *Gazeta do Povo*: “13 motivos para não ver ‘13 Reasons Why’, a polêmica série sobre suicídio da Netflix”. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/ideias/13-motivos-para-nao-ver-13-reasons-why-a-polemica-serie-sobre-suicidio-da-netflix-2s1mmjq528ee12sach50ychmb>. Acesso em: 16 de agosto de 2017.

Os personagens que são retratados nas fitas – cada episódio aborda um motivo, ou seja, uma pessoa que fez determinada ação que culminou para a morte da adolescente – se sentem “culpados” pelo ocorrido e formam uma espécie de grupo, em que falam sobre o caso e buscam soluções para que seus segredos não sejam espalhados pela escola.

A série desencadeou reportagens sobre seu conteúdo em si, seus personagens, seu enredo, fotografia e trilha sonora, mas também trouxe o debate sobre a temática à tona na sociedade brasileira, bem como mundial. Diversas notícias sobre como prevenir, visualizar sinais de depressão ou identificar comportamentos suicidas surgiram após a divulgação dos 13 episódios pela Netflix.

Seu conteúdo contribuiu para a quebra do “silêncio” referente ao assunto nos veículos de comunicação brasileiros.

As melhores pesquisas indicam que a prevenção do suicídio, mesmo sendo uma atividade factível, envolve toda uma série de atividades, que variam desde as melhores condições possíveis para a criação das crianças e dos jovens, passando pelo tratamento efetivo dos transtornos mentais, até o controle de fatores de risco ambientais. A disseminação apropriada da informação e o aumento da conscientização são elementos essenciais para o sucesso de programas de prevenção do suicídio. (OMS, 2000, p. 2)

O manual informa que a mídia desempenha um papel significativo na sociedade atual, pois oferece ampla gama de informações, por meio dos mais variados recursos. Os profissionais da área influenciam fortemente as atitudes, crenças e comportamentos da comunidade e seus veículos ocupam lugar central nas práticas políticas, econômicas e sociais. “Devido a esta grande influência, os meios de comunicação podem também ter um papel ativo na prevenção do suicídio” (OMS, 2000, p. 3).

Para verificar a hipótese de que a obra trouxe o assunto suicídio à tona na mídia brasileira, analisou-se, sob a ótica da cartilha Prevenção do Suicídio: Um Manual Para Profissionais da Mídia, da OMS, veículos de comunicação brasileiros que realizaram a cobertura do seriado norte-americano disponibilizado pela plataforma de *streaming* Netflix.

A investigação apresentada neste artigo foi feita por meio de leitura de bibliografia sobre o tema e observação direta de três portais de notícia do país por meio de um estudo exploratório. Foram considerados *BBC*, *Folha de S. Paulo* e o *Estado de S. Paulo* por serem considerados os principais sites de notícias do Brasil, não apenas em visitas, mas

também em notoriedade nas redes sociais. Juntos, os três somavam 12.172.372 seguidores somente no *Facebook* em agosto de 2017.

O trabalho foi promovido por meio da técnica de observação direta conhecida como análise de conteúdo. Essa metodologia, segundo Laurence Bardin, é “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (BARDIN, 2016, p. 15).

Levou-se em consideração reportagens dos três portais de notícias desde o lançamento da série, em 31 de março de 2017, até 11 de agosto de 2017 para que fosse testada a hipótese de que a série fomentou o debate público sobre morte autoprovocada. Duas das publicações analisadas (*Folha de S. Paulo* e *BBC*) apontaram que, graças ao sucesso da série, os números de pesquisas sobre o tema, bem como os métodos utilizados para cometer suicídio, apresentaram aumento nas buscas da plataforma de pesquisa *Google*. O *Estado de S. Paulo*, por outro lado, trouxe que o debate pode, e deve, ocorrer dentro de casa, entre pais e filhos.

### “13 Reasons Why” na mídia brasileira

A *BBC*<sup>7</sup> publicou em seu portal de notícias reportagem que trazia a informação de que as buscas da palavra “suicídio” no *Google* aumentaram 100% no Brasil na terceira semana de abril, na comparação com o mesmo período de 2015 – mês que marcou o lançamento do seriado televisivo.

No mesmo período, no entanto, surgiram os primeiros casos de suicídios consumados e tentados relacionados ao Jogo da Baleia Azul<sup>8</sup>, o que pode ter contribuído para o crescimento da pesquisa sobre o assunto, bem como os das palavras-chave “suicídio indolor” e “suicídio rápido”.

---

<sup>7</sup> BBC: Suicídio: como falar o ato sem promovê-lo? Disponível em <<http://www.bbc.com/portuguese/geral-39714347>>. Acesso em 16 de agosto de 2017.

<sup>8</sup> O jogo Baleia Azul surgiu nas redes sociais russas e é composto por série de etapas, cujo último desafio é o jogador tirar a própria vida. G1: Entenda o “Jogo da Baleia Azul” e os riscos envolvidos. Disponível em <<http://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/entenda-o-jogo-da-baleia-azul-e-os-riscos-envolvidos.html>> . Acesso em 17 de agosto de 2017.

O portal *Estado de S. Paulo* produziu reportagens e resenhas críticas sobre “13 Reasons Why” durante seu lançamento. No dia 11 de abril<sup>9</sup>, o veículo traz como manchete “Pais devem acompanhar o filho e discutir série ‘13 Reasons Why’” e a linha-fina abordava a seguinte questão: “episódios trazem ao debate a questão da prevenção do suicídio”.

No transcorrer da notícia, é possível absorver que pais e filhos, que assistiram a série, podem promover diálogos sobre o assunto, que é considerado atualmente um “tabu” na sociedade brasileira, bem como a mundial. O conteúdo também serve para o adolescente perceber as consequências de sua atitude para com o outro e notar que, na maioria das vezes, uma conduta pode machucar o próximo – sejam amigos, familiares ou até desconhecidos.

O debate sobre bullying, outra temática abordada no seriado, também é apontado como aspecto positivo de “13 Reasons Why” pela reportagem. O texto destaca que o assunto deve ser trabalhado na escola, assim como deve ser feito com suicídio e a dor do luto.

A matéria publicada no dia 11 de abril de 2017<sup>10</sup> cita que, após a estreia do seriado da Netflix, houve o crescimento de 445% no número de e-mails com pedidos de ajuda recebidos pelo Centro de Valorização da Vida (CVV) - associação civil sem fins lucrativos que realiza apoio emocional e prevenção do suicídio -, além da alta de 170% na média diária de visitantes únicos no site da organização.

O conteúdo disponível no portal de notícias também orienta sobre como os pais devem observar possíveis mudanças de comportamento nos filhos e manter sempre o diálogo aberto sobre as situações que possam ocorrer na escola, com os amigos e em quaisquer outro momento da vida.

Em resenha publicada no dia 6 de maio de 2017, o *Estado de S. Paulo*<sup>11</sup> faz um comparativo entre a série e demais obras do cinema e da literatura disponíveis no cenário

---

<sup>9</sup> Estado de S. Paulo: Pais devem acompanhar o filho e discutir série “13 Reasons Why”. Disponível em <<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,pais-devem-acompanhar-filho-e-discutir-serie-13-reasons-why,70001734002>> . Acesso em 16 de agosto de 2017.

<sup>10</sup> Estado de S. Paulo: Busca por centro de prevenção ao suicídio cresce 445% após série. Disponível em <<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,busca-por-centro-de-prevencao-ao-suicidio-cresce-445-apos-serie-da-netflix,70001734246>>. Acesso em 16 de agosto de 2017.

<sup>11</sup> Estado de S. Paulo: Série da Netflix aborda muito mais que suicídio. Disponível em <<http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,serie-da-netflix-aborda-muito-mais-do-que-suicidio,70001763582>>. Acesso em 16 de agosto de 2017.

cultural. O artigo enfatiza que o seriado televisivo vai muito além da morte autoprovocada, pois também retrata os distúrbios mentais de Hannah Baker, a consciência moral de Clay Jensen, a incapacidade de comunicação dos afetos dos personagens e o abuso de bebidas alcoólicas, além da falta de educação afetiva.

A *Folha de S. Paulo* publicou no dia 15 de abril de 2017<sup>12</sup> uma crítica em que ressalta que “13 Reasons Why” é uma obra que ilustra temáticas como amadurecimento, lidar com medos, solidão e pedidos de ajuda. Contrariando os outros exemplos tratados por este artigo, a resenha salienta que é “injusto” afirmar que a série glamorize os suicidas, pois mostra que depressão e outros transtornos de ansiedade estão às vistas e, muitas vezes, estão imperceptíveis para quem convive com esses distúrbios.

O efeito que a trama teria sobre jovens foi o mote de outra reportagem<sup>13</sup> feita pelo mesmo veículo de comunicação. A notícia relata o trabalho realizado por um grupo de pesquisadores americanos feito quatro meses após o lançamento da série para verificar o impacto que a obra teve na vida dos espectadores. O resultado mostrou que, entre 31 de março e 18 de abril de 2017, houve um aumento nas buscas na internet relacionadas a suicídio, incluindo a pesquisa de métodos para se matar – houve 1,5 milhão a mais de buscas. (19% maior que o esperado pelos pesquisadores). Eles também destacam que a procura por termos relacionados à prevenção apresentou aumento de cerca de 20%.

Outra resenha crítica publicada no dia 11 de agosto de 2017<sup>14</sup> na *Folha de S. Paulo* aponta que a “13 Reasons Why” é literal e pedagógico. O colunista João Pereira Coutinho afirma que a série não é propriamente uma obra de ficção, mas tem um quê de documentário fictício ou novelas adolescentes com suas mensagens sociais, veiculadas

---

<sup>12</sup> Folha de S. Paulo. “13 Reasons Why” não é uma série para todos, mas acerta mais que erra. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/lucianacoelho/2017/04/1875757-13-reasons-why-nao-e-uma-serie-para-todos-mas-acerta-mais-do-que-erra.shtml>>. Acesso em 16 de agosto de 2017.

<sup>13</sup> Folha de S. Paulo. Série “13 Reasons Why” aumenta buscas relacionadas ao suicídio. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/07/1905890-serie-13-reasons-why-aumentou-buscas-relacionadas-ao-suicidio.shtml>>. Acesso em 16 de agosto de 2017.

<sup>14</sup> Folha de S. Paulo. Série “13 Reasons Why” é pobre como drama porque é literal e pedagógico. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/joaopereiracoutinho/2017/08/1908828-13-reasons-why-e-pobre-como-drama-porque-e-literal-e-pedagogico.shtml>>. Acesso em 16 de agosto de 2017.

---

há anos pelos canais de televisão brasileiros. Para ele, é um retrato da decadência moral e do “heroísmo vitimário” que faz parte da vida do homem ocidental da atualidade.

### **Considerações finais**

A série “13 Reasons Why”, que tem como foco o público adolescente, aborda, além do suicídio, outras temáticas que são comuns nesse período da vida, como amor, estudos, vida social e amizade, mas também reforça problemas que podem ser recorrentes na vida desses jovens como bullying, abuso de drogas e bebidas alcoólicas, depressão e ansiedade.

As notícias analisadas por esse artigo apontam que a série resgatou o debate sobre suicídio, tema que, por vezes, fica restrito aos meses de janeiro e setembro, quando a mídia anuncia e propaga as campanhas Janeiro Branco e Setembro Amarelo. A primeira ação é focada na importância de se cuidar da saúde mental e a segunda tem o objetivo de combater e prevenir as mortes autoprovocadas em qualquer período da vida.

Constata-se que a obra do Netflix, embora tenha fomentado o debate público sobre o assunto, inflingiu considerações importantes preconizadas pelo manual da OMS. É fato que a série quis retratar a trajetória e as razões que levaram à morte de Hannah, porém, seu conteúdo desrespeitou pontos importantes do documento como a “culpabilização” e a demonstração de alternativas ao suicídio.

As reportagens analisadas apontaram que “13 Reasons Why” aumentou a pesquisa no site de buscas *Google* sobre prevenção da questão de saúde pública, algo que é positivo, pois demonstra a importância de se falar sobre o tema. Houve, porém, o crescimento de pesquisas sobre métodos para se matar, o que reforça as preocupações destacadas pelo manual de que, se não forem tratadas de forma adequada, a veiculação dos casos pode desencadear em novas ocorrências.

A discussão sobre o suicídio ainda é “tabu” na sociedade mundial, bem como a brasileira, porque esbarra em outros problemas existente na cultura ocidental, que é o de não falar sobre doenças mentais. Hannah sofria de depressão, situação que não foi observada por seus pais, professores e conselheiros escolares e que é uma realidade de grande parte dos jovens, que são expostos à tecnologia e às pressões impostas pelo mercado de trabalho, além das próprias transformações que ocorrem no corpo nessa fase da vida.

Outra consideração a ser feita sobre a obra é em relação às cenas consideradas fortes ou inapropriadas para determinado tipo de público. A Netflix faz alertas em alguns episódios sobre o que será visto a seguir, porém, isso não impede que os usuários assistam aos eventos que irão se desenrolar durante aquele período da série.

O documento da OMS traz aspectos que devem ser levados em consideração durante a veiculação de notícias de casos específicos de suicídios.

A cobertura sensacionalista de um suicídio deve ser assiduamente evitada, particularmente quando uma celebridade está envolvida. A cobertura deve ser minimizada até onde seja possível. Qualquer problema de saúde mental que a celebridade pudesse apresentar deve ser trazido à tona. Todos os esforços devem ser feitos para evitar exageros. Deve-se evitar fotografias do falecidos, da cena do suicídio e do método utilizado. Manchetes de primeira página nunca são o local ideal para uma chamada de reportagem sobre suicídio. (OMS, 2000, p.6)

Todos esses “cuidados” são deixados de lado pela série, o que pode contribuir para a propagação de novas ocorrências ou ser considerado como uma espetacularização da morte autoprovocada.

É inegável sua contribuição para o debate nas escolas, nos ambientes de trabalho e dentro dos lares, principalmente por abordar, não apenas o suicídio, mas assuntos como bullying, estupro, abuso de bebidas alcoólicas e drogas, depressão, a falta de empatia com o próximo e a necessidade de ouvir as pessoas, sejam quais forem as situações pelas quais elas estão passando.

No entanto, ficou claro com os números, que a série também amplificou atitudes suicidas e aumentou buscas relacionadas as formas de como tirar a própria vida – até mesmo de forma indolor e rápida. Por isso, o debate é tão importante, pois, com a prevenção feita de correta, com a devida atenção aos problemas de saúde mental, é possível evitar que essa questão de saúde pública se alastre.

Desde que bem trabalhada, a obra norte-americana pode ajudar a fomentar boas discussões na sociedade – e contribuir para o seu combate. E se a intenção dos produtores foi a de proporcionar a reflexão sobre o assunto e as razões que o envolvam, mesmo que de forma “brusca”, eles conseguiram esse efeito.

O conteúdo, no entanto, deveria oferecer alternativas sobre a questão de saúde pública e amenizar certas cenas que espetacularizaram a morte autoprovocada. Como haverá a segunda temporada, existe a expectativa de que essas situações sejam [Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo](#), Ponta Grossa Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 1 –18. Jan/Jul 2018.



superadas e que alternativas a morte autoprovocada sejam apresentadas ao público, além de novamente haver a circularidade desse assunto na mídia brasileira.

### Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **Suicídio: Informando para Prevenir**. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 2014. Disponível em: <<http://www.flip3d.com.br/web/pub/cfm/index9/?numero=14#page/2>>. Acesso em 15 ago. 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

DURKHEIM, E. **O suicídio**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

FERREIRA, L. M.; RAMALHO, A. R. O suicídio como fato noticiável: análise da cobertura do caso Yoñlu. **Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Social**, São Paulo, v. 5, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/iniciacom/article/view/1630/1574>>. Acesso em: 1º ago. 2017

LOPES, M. I. V. L. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2001.

MININI, G. **Psicologia cultural da mídia**. São Paulo: A Girafa, Sescsp, 2008

MOREIRA, B.; PAULINO, F. O. Ética, prática jornalística e cobertura seletiva do suicídio. **Associação Latino Americana de Investigadores em Comunicação**. Lima, Peru, 2014. Disponível em: <<http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/11/vGT18-Moreira-Oliveira-Paulino.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2017.

OLIVEIRA, I.; BARROS, J. F. **A Noticiação do suicídio e a Ética Jornalística: Análise do Caso Azoica em Imperatriz-MA**. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 19., 2017, Fortaleza. 29 jun. a 1º jul 2017. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1789-1.pdf>>. Acesso em 15 ago 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia**. Genebra: Departamento de Saúde Mental Transtornos Mentais e Comportamentais, 2000. Disponível em: <[http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67604/7/WHO\\_MNH\\_MBD\\_00.2\\_por.pdf](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67604/7/WHO_MNH_MBD_00.2_por.pdf)>. Acesso em 30 jul. 2017.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

**Revista Pauta Geral- Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 1 –18. Jan/Jul 2018.

**REVISTA PAUTA GERAL**

**ESTUDOS EM JORNALISMO**

10.5212/RevistaPautaGeral.v.5.i1.0001



---

Recebido em: 10/10/2017  
Publicado em: 13/06/2018